

Crianças Amazônidas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros

Amazonian children on Círio de Nazaré: others cultures and knowledge

Patrícia Andréa Godinho Baker

Nazaré Cristina Carvalho

Universidade do Estado do Pará-UEPA

Belém-Pará-Brasil

Resumo

Este estudo fez uma análise das vivências de um grupo de onze crianças amazônidas, participantes do Projeto intitulado Caminhos do Círio, no contexto do Círio de Nazaré, festa religiosa que entrelaça diferentes culturas e saberes, em que as crianças intérpretes da pesquisa vivenciam práticas educativas assentadas na cultura em que estão inseridas. Esse estudo teve como objetivo analisar e desvelar os saberes e os processos educativos vivenciados por essas crianças através de suas narrativas e percepções por meio de suas subjetividade e interações sociais. A partir deste estudo, identificou-se saberes religiosos, históricos, econômicos e lúdicos que as crianças amazônidas ao se relacionarem com seus familiares e com seus pares, partilham, transmitem e produzem, protagonizando sua história e sua cultura.

Palavras-Chave: Criança; Círio de Nazaré; Cultura e Saberes.

Abstract

This study made an analysis of experiences from a eleven amazonian children group, which are participants in the Project entitled Ways of Círio, in the Círio de Nazaré contexto, religious festival that interlace different cultures and knowlegde, whereby the children who are research interpreters, experience educative practices settled on culture which are inserted. This study had as objective analyse and exhibit the knowlegde and education processes experienced by these children through their narratives and perceptions by means of their subjectivities and social interactions. From this study, were identified religious, historical, economic and ludic knowledge that amazonian children, when dealing with their Family and pairs, share, transmit and and produce, featuring their history and culture.

Key-words: Child. Círio de Nazaré. Culture and Knowledge.

Introdução

Os debates em torno dos paradigmas da educação têm se intensificado ao longo dos anos, isso justifica a crescente demanda de pesquisas que desvelam que o conceito de educação tem se ampliado para além dos espaços escolares pautados somente a luz do pensamento eurocêntrico.

Como em uma metáfora de uma caminhada em procissão, passo após passo, este estudo objetiva desvelar os saberes das crianças amazônidas do Projeto Caminhos do Círioⁱ em suas práticas sociais cotidianas no cenário do Círio de Nazaré, cujo protagonismo das crianças intérpretes deste estudo, ressalta a relevância de seus saberes e de seus processos de produção e compartilhamento desses saberes e das múltiplas culturas ancoradas nos costumes e na realidade da vida na Amazônia.

Assim, este estudo corrobora com a ideia de que as crianças como agentes sociais subjetivos das sociedades em que estão inseridas, não somente vivenciam as culturas construídas historicamente por seus grupos sociais, como as produzem e compartilham com seus pares, num movimento de perpetuação destas por toda a sua existência humana.

Nesse âmbito, é válido ressaltar a autonomia da criança enquanto um sujeito social: “Em primeiro lugar, as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p. 15). Nessa mesma lógica, o princípio de compreensão das contribuições sociais das crianças envolve ainda questões como: a importância do ponto de vista das crianças e o lugar de onde elas falam:

Não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade – o mesmo vale para as crianças nas escolas de uma metrópole. E é aí que está a grande contribuição que a antropologia pode dar aos estudos das crianças: a de fornecer um modelo analítico que permite entendê-las por si mesmas. (COHN, 2005, p. 09).

Segundo essa prerrogativa, a vivência das crianças amazônidas do Projeto Caminhos do Círio no contexto religioso e cultural de uma das maiores festas de santos padroeiros do Brasil, desvela seus costumes, sua maneira de como são atravessadas pelas culturas locais e de que forma fomentam a produção destas, a ponto de despertarem interesses de pesquisas sobre esse importante tema, numa perspectiva de ressaltar que crianças são seres subjetivos produtores de saberes e de culturas.

O Círio de Nazaré como cenário de culturas e saberes infantis

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, festa religiosa conhecida como uma das maiores manifestações católicas e culturais do Brasil, acontece no segundo domingo de outubro nas ruas de Belém do Pará, onde uma parte do trajeto transcorre por ruas que margeiam o Rio Guamá, que tem seu curso natural, à frente da capital do Pará. A festa acontece há pouco mais de duzentos anos, com cerca de dois milhões de pessoas que acompanham a imagem da padroeira, caminhando em procissão, por cerca de 3,6 quilômetros, pelos túneis de mangueiras que contornam as ruas centrais de Belém.

Mesmo com o cenário principal, as ruas de Belém, o Círio de Nazaré movimenta a dinâmica cotidiana da vida de muitos paraenses que moram em outros municípios e dos próprios municípios do interior do estado, que assistem ao êxodoⁱⁱ de romeiros que se dirigem a capital, nos dias que antecedem a grande procissão: “o Círio é o reflexo do interior no ambiente urbano, convindo salientar que sem essa presença ele não seria o que é” (MOREIRA, 1971, p.7).

No entanto, o Círio de Nazaré está para além da procissão do segundo domingo de outubro, são quinze dias em que diferentes homenagens são prestadas para Nossa Senhora de Nazaré, em extensão, o Círio é uma festa caracterizada pelo imaginário do catolicismo devocional, igualmente, sustentada pela força milagrosa da imagem da Santa, como a encarnação do divino e sobrenatural.

O Círio de Nazaré se sustenta no mito do achado da imagem que o originou. Assim, todos os anos, naquela mesma data (segundo domingo de outubro), o evento é revivido e atualizado. Nesse contexto, a vivência é recorrente do traslado da imagem, onde os romeiros estabelecem proximidade com a santa, além disso, a imagem é vista como a personificação do divino. E o símbolo do sagrado se funda em uma relação de pertencimento e dependência, um código alicerçado pelo imaginário social onde o milagre é concedido pela santa, e ao romeiro cabe o pagamento da graça alcançada com a caminhada de veneração à Nossa Senhora de Nazaré, rito que fortalece a relação entre santo e o devoto.

Ou ainda, o Círio de Nazaré é parte integrante do corpo social da sociedade paraense, assim é reiterado abaixo:

Crianças Amazônidas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros

Quando uma sociedade, ou um segmento desta, sai do extraordinário de sua rotina cotidiana para viver anualmente o extraordinário de eventos ritualizados é porque tal acontecimento tem a ver com a própria existência do corpo social. Constitui-se então um conjunto de manifestações simbólicas, inscrito portanto na ordem da significação capaz de ser lido, revelado ou percebido por todos os segmentos da sociedade em que se realiza (ALVES, 1980, p. 21).

A compreensão histórica dessa importante festa religiosa e cultural que acontece na Amazônia, nas ruas de Belém do Pará. Esse entendimento perfaz, obrigatoriamente, uma viagem no tempo e no espaço, mais especificamente um recuo ao continente europeu, e de lá para Portugal, segundo a história.

No total são doze procissões oficiais do Círio, essas procissões compõem a malha religiosa cultural que envolve os devotos, os elementos culturais, sociais e religiosos, integrando-os aos rituais que são atualizados e revividos todos os anos durante as festividades: Traslado para Ananindeua, **Romaria Rodoviária**, Romaria Fluvial, Moto Romaria, Trasladação, Círio de Nazaré, Ciclo Romaria, Romaria da Juventude, Romaria das Crianças, Romaria dos Corredores, Procissão da Festa e Recírio.

Culturalmente, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré (que ainda apresenta resquícios colonizadores das festas do Brasil colônia, encharcados de elementos da cultura portuguesa), desperta nos devotos a possibilidade de estabelecer uma ligação direta com a santa, relação de cumplicidade e pertencimento, ponto que permite dar vazão ao devaneio e a conexão direta com o caráter coletivo do imaginário social amazônico:

Assim, o que durante mais de duzentos anos se registra como aproveitamento coletivo do lazer na colônia americana de Portugal não seriam propriamente festas dedicadas à fruição do impulso individual para o lúdico, mas momentos de sociabilidade festiva, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da igreja (TINHORÃO, 2000, p. 7).

Segundo essa prerrogativa é que o estreitamento do olhar sobre a vivência dos intérpretes dessa pesquisa, principalmente, no que concernem as vivências das crianças no contexto das festividades do Círio de Nazaré são cruciais para o entendimento desse protagonismo. De tal maneira que a observação em campo na observância dos ensaios em tempo real na Romaria do Círio das Crianças, só reafirmou a significação do olhar de pesquisadora, do olhar atento para as experiências do vivido, ações subjetivadas e recriadas pelas crianças, a partir de suas próprias concepções, sendo elas o centro de toda essa teia narrativa do Projeto Caminhos do Círio.

Dessa forma, fomos ao encontro das crianças numa manhã ensolarada de domingo, no mês de outubro em Belém, aproveitando as primeiras horas do dia. Observando atentamente o vai e vem de famílias, a movimentação as ruas próximas à Basílica Santuário, no centro da cidade. Nas ruas transversais muitos grupos familiares aproveitam a sombra das mangueiras para descansar, conversar e alimentar as crianças, antes da grande procissão infantil começar.

A romaria do Círio das Crianças é uma das doze romarias oficiais do Círio de Nazaré e acontece nas ruas de Belém há vinte e oito anos, tendo a primeira sido realizada em outubro de 1990, projeto que nasceu da ideia de despertar nas crianças o sentimento de devoção, o amor e vínculo afetivo com Maria. Desse modo, todos os anos, o Círio das Crianças é realizado no domingo posterior ao Círio de Nazaré. A organização espacial e geográfica dessa romaria é desenhada com carros que servem para acolher e organizar os objetos levados pelos devotos como pagamento de promessas e das graças alcançadas. Esses carros ficam sob a responsabilidade de grupos de escolas públicas e privadas, escolhidas por sorteio, grupos encarregados de receber e acomodar no interior dos carros, os objetos referentes as promessas realizadas.

Assim como o Círio de Nazaré, o Círio das Crianças é uma romaria caracterizada pelo catolicismo devocional, marcada pela relação entre o santo padroeiro e o devoto, estabelece o afeto e a intimidade. Essa relação se dá simbolicamente através de “trocas”, o devoto pede, esse pedido é elaborado em forma de promessa, solicita ao santo de sua devoção seus desejos e necessidades, e o padroeiro atende através da intercessão junto a Deus, essa aliança é renovada a cada pedido atendido, assim como as obrigações pagas. Igualmente ao Círio de Nazaré, a romaria do Círio das Crianças é um ritual religioso marcado por muita visualidade, essa visualidade é expressa de maneira veemente na presença de elementos e símbolos da cultura amazônica.

Todo o trajeto do Círio das Crianças acontece por entre os túneis das copas das árvores, nas ruas que circundam o espaço geográfico da Basílica Santuário, são túneis que entrelaçam grandes galhos das mangueiras centenárias das ruas de Belém, num desenho natural “rendado” e movente, de um verde e de uma beleza exuberante, que ora, com a dança frenética das folhas (estimulada pelos ventos) sombreiam o espaço da romaria, ora o iluminam com os escaldantes raios de sol do verão amazônico.

É nesse cenário composto por grande multidão, multidão guiada passo a passo em direção a pequena imagem da santa padroeira na romaria do Círio das Crianças, compõe um espetáculo cultural único que mistura a cultura urbana amazônica e a cultura ribeirinha, a primeira por apresentar traços do hibridismo de uma amálgama que reúne elementos culturais da região e dos colonizadores que aqui impuseram seus costumes e, a segunda, por traduzir a relação de proximidade do ser humano com sua realidade cultural e com a natureza predominante no local. Pensando ainda sobre o lugar da Romaria do Círio das Crianças e a relação entre a cultura e natureza vivida pelo homem amazônida, Loureiro destaca que:

A cultura urbana se expressa na vida das cidades, naquelas de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada a conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se preserva imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. (LOUREIRO, 2015, p.78)

As crianças do Projeto Caminhos do Círio rezavam e louvavam com empolgação, algumas delas com a faixa de identificação do projeto nas mãos, outras com cartazes com a imagem da santa. A caminhada se alternava em momentos de falas, orações, cânticos, recebimento de águas, sucos e guloseimas que a todo o momento eram oferecidas ao grupo de crianças, tudo isso era oferecido por pagadores de promessas, que se posicionavam nas calçadas por onde a romaria passava.

Assim, entre uma guloseima e outra, perguntamos a alguns intérpretes sobre seus sentimentos e impressões daquela experiência de estar ali:

As pessoas sentem solidariedade pelas outras pessoas, é emocionante assim ver as pessoas pagando promessas. (MICKEY, 11 anos).

Eu gosto do Círio, gosto de vir, de rezar e cantar a Deus e a Nossa Senhora, é bonito olhar as pessoas, é bonito ver a santa na berlinda. (CAMILLY, 9 anos).

Aqui a gente reza e ganha bombons e pipoca. (DIEGO, 12 anos).

É assim, muitas pessoas tiveram problemas, aí foram na igreja e pediram com muita fé, aí o pedido se realizou aí eles vêm pra pagar a promessa na corda, eu acho muito bonito. (LELÊ, 11 anos).

Essas falas explicitam como as crianças se relacionam diretamente com o sagrado, com o sobrenatural, com o social, com a natureza e com a cultura no contexto da vida na Amazônia.

Caminhar metodológico

Os passos metodológicos desses estudos precisaram ser alinhados e ritmados num tempo cronológico e científico. Portanto, para desvelar os saberes das crianças amazônicas do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré, foi importante que o olhar e a subjetividade infantil dos interpretes aqui mencionados, fossem destacados com responsabilidade e ética científica, e assim garantir a veracidade e importância da voz das crianças.

Adentramos o universo das crianças interpretes, aportando-nos teoricamente em Ariés (2013), Sarmiento (2011) e Cohn (2005) numa viagem de construção cultural e histórica da criança e da infância ao longo dos tempos. Isso fortaleceu meu entendimento sobre o universo infantil e aguçou meu olhar de pesquisadora para a construção histórica dessa importante fase da vida humana, que ao longo dos séculos, foi sufocada, sob uma ideia desumana de que a criança era vista como um “adulto pequeno”, no que concerne a lógica de produção de capital e mão de obra.

O papel de coadjuvante imposto à criança perdurou até meados do século XX, esse cenário sofreu mudanças e foi substituído pelo protagonismo que passou a ser reconhecido. Dito de outra maneira, esse protagonismo é próprio da vida infantil, está arraigado na maneira de pensar e viver sua infância, no sentido de retirar da criança e da infância os papéis pré-determinados de subalternidade infantil, social e cultural a que foram submetidas por longos séculos. Este estudo traz à tona a perspectiva de dar legitimidade social ao pensamento da criança por:

Acreditar que mesmo crianças bem pequenas têm o que dizer deriva de algumas ideias que vêm sendo construídas nas últimas décadas. Entre elas, tem destaque o reconhecimento de que, desde a mais tenra infância, nas suas interações sociais, as pessoas vão somando impressões, gostos, antipatias, desejos, medos, etc., desenvolvendo sentimentos e percepções cada vez mais diversificados e definidos, atribuindo significados, construindo a sua identidade. (ROCHA, 2008, p. 13).

Assim como o cuidado com as ferramentas metodológicas tiveram destaque neste estudo, por se tratar de uma pesquisa com crianças, para adentrar o universo da infância, foi

preciso caminhar por diferentes olhares e discussões científicas, para a melhor compreensão e garantia do direito de fala de cada um dos interpretes dessa pesquisa.

Por esse prisma, entendemos a infância como uma construção social, e nessa fase a criança deve ser percebida como um sujeito subjetivo e produtor do enredo de sua própria vida, não apartada do contexto social dos agentes adultos, em síntese, a infância é responsável por movimentar os fenômenos cotidianos da vida social de um grupo, ou de uma dada sociedade.

E nesse contexto a ideia de pesquisar quais saberes transitam nas interações sociais das crianças do Projeto Caminhos do Círio permite perceber a criança como protagonista de si mesma, de sua história e de suas subjetividades, através de diferentes manifestações sociais e culturais.

Considerando a criança como sujeito construído histórico e culturalmente, buscamos os escritos de CHARLOT (2000), GEERTZ (2008) e BRANDÃO (2002) no que concerne aos saberes e os processos educativos que se entrelaçam a eles, e as culturas que as produziram e são atravessadas em via dupla por elas, e assim, compreendermos como as crianças se relacionam entre si, como produzem cultura e como sistematizam saberes a partir de suas experiências sociais.

As crianças intérpretes dessa pesquisa, ao participarem ativamente das atividades que envolvem o Círio de Nazaré, vivenciam processos educativos imbricados nas experiências de situações cotidianas, dessa forma, se afirmam como agentes sociais produtores de culturas. Tal como lembra Brandão (2002), somos seres plurais e singulares simultaneamente, pois cada ser constrói por toda a vida sistemas de símbolos e significados coletivos e individuais para viver.

Essa concepção de cultura se volta para as vivências sociais do homem (convertido em um ser da natureza), valoriza sentimentos, valores e um dos aspectos mais importantes do constructo humano, as experiências cotidianas:

Pois sendo como todos os outros seres vivos, sujeitos da natureza, acabamos nos tornando uma forma da natureza que se transforma ao aprender a viver. Sem cessar e sem exceção, entre todas as comunidades humanas do passado e de agora, transformamos seres do mundo de natureza: e unidades de uma espécie: *indivíduos*, em sujeitos do mundo da cultura: *pessoas*. Em seres de direitos e de deveres e, portanto, agentes culturais e atores sociais. (BRANDÃO, 2002, p. 21).

Ainda na tessitura do conceito de cultura, e sob o entendimento da existência de diferentes olhares sobre esse aspecto que fomenta a discussão desse estudo é possível

entender a cultura como uma estrutura semiótica assentada no significado, ou seja, na compreensão dos significados dos fenômenos sociais vividos pelo homem no interior de grupos sociais, como bem define Clifford Geertz (2008, p. 15): “O homem é um animal amarrado as teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”

Dito isso, é imperativo pensar o conceito de cultura numa perspectiva de estrutura de significados construídos a partir das relações sociais. Pensar a cultura através de processos de construções moventes e transformadores que homens e mulheres “costuram” no interior das relações sociais, daí deriva a ideia de uma “teia de significados”, que no cerne do sentimento de coletividade, os indivíduos se fortalecem graças as suas vivências social e cultural.

Por esse olhar e a partir do conceito de cultura proposto por Geertz entendemos o Projeto Caminhos do Círio como um espaço de concentração, significação e transmissão de saberes que podem emergir da realidade e das vivências sociais das crianças interlocutoras desse estudo.

Nesse seguimento, tanto Brandão como Geertz abordam de forma significativa a cultura como resultado das ações humanas, bases fundantes para os constructos sociais contextualizados e assentados em práticas sociais cotidianas, cujos pensamentos são relevantes para essa pesquisa. Por esse viés, os saberes presentes na vivência das crianças do Projeto Caminhos do Círio fazem parte de processos culturais e sociais resultantes da subjetividade humana.

Em face de problematizar o conceito de saber e a sua relação com o homem é que aciono o pensamento de Charlot, e aos múltiplos processos sociais a que um saber está atrelado:

É verdade que todo sujeito pertence a um grupo; mas não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo e um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber; e sua relação com o saber é fruto desses múltiplos processos. (CHARLOT, 2000, P.38)

Logo, ao dar sentido ao mundo, o homem é “um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimentos de diversos

tipos” (CHARLOT, 2000, p. 33), e pensando nesse raciocínio esse estudo acredita que o homem e a educação se relacionam de forma significativa. Ainda conforme Charlot a ação do homem que resulta na significação da vida, constitui a relação direta entre a cultura e o saber, humanizando as relações sociais. Assim, para que exista uma ação intencional da formação de um saber, ou dos processos educativos, esta deve se assentar na significação subjetiva do sujeito da ação.

Os encontros com as crianças amazônidas

Para compreendermos os saberes, culturas e vivências infantis das crianças do Projeto Caminhos do Círio no Círio de Nazaré, destacamos três importantes encontros com as mesmas, que subsidiaram de forma significativa o entendimento e o desenho deste estudo.

O primeiro deles foi uma roda de conversa a partir da linha histórica do Círio de Nazaré, dramatizada por uma “contadora de história”, cuja a interação das crianças foi percebida pelas suas falas entusiasmadas sobre suas experiências sociais e coletivas nas festividades do Círio de Nazaré, como a seguir:

- A primeira vez que eu fui no Círio, eu me emocionei, achei lindo as pessoas olhando a berlinda. (MIMI, 10 anos).

- O Círio é a união de todo mundo para ver Nossa Senhora. (DIEGO, 12 anos).

Desde esse primeiro encontro, o protagonismo e a subjetividade de cada uma das crianças intérpretes desse estudo foram percebidos, reforçando a nossa ideia de que as crianças são agentes sociais ativos, culturais e críticos.

O segundo encontro deu vazão a criatividade e ao imaginário infantil amazônida, as crianças intérpretes expressaram através de desenhos livres, suas impressões, sentimentos, saberes e culturas que permeiam e significam suas participações nas festividades do Círio de Nazaré ou de sua relação de proximidade e pertencimento a essa festividade e a santa padroeira.

A imagem da divindade e as festividades da santa padroeira enquanto elementos da cultura local vivenciadas pelas crianças pesquisadas são retratadas nas narrativas infantis cotidianas nas atividades do Projeto Caminhos do Círio e nos registros gráficos dos desenhos infantis como exemplificado nas linhas a seguir:

- Pra mim a imagem marcante do Círio é a das pessoas puxando a corda do Círio. (MICKEY, 11 anos).

A imagem abaixo de autoria de Lelê (11 anos) retrata a Senhora de Nazaré na berlinda:

Figura 1: Desenho de Nossa Senhora de Nazaré na berlinda, feito por um interpretes, em 2018



Fonte: Arquivo Baker (2018)

O desenho infantil, além de ser uma forma rica de expressão do imaginário infantil, também pode ser concebido como uma forma de linguagem que vai além da oralidade, pois pode retratar significações, sentimentos, estados de humor e contém a sua própria subjetividade. As crianças foram orientadas para que pudessem descrever através de registros gráficos o que o Círio de Nazaré representa ou despertava em cada uma delas.

O terceiro encontro, marcado pela ludicidade explícita do ato de brincar, teve no jogo de perguntas respostas uma atmosfera de infância em consonância com as múltiplas culturas amazônicas, com os saberes da cultura local e da vida cotidiana:

-É uma grande procissão que todo mundo participa, todo mundo acolhe o outro. (LELÊ, 10 anos).

-É a festa da santa, tem comidas, cartaz do Círio e a família se reúne. (LUA, 9 anos).

-É um monte de gente seguindo a santinha na berlinda. (MICKEY, 11 anos).

-É uma procissão de amor, onde todo mundo faz pedidos ou agradece por alguma coisa. (SISI, 10 anos).

Nesse momento da pesquisa, as crianças já haviam ocupado todo o espaço de seus protagonismos, suas narrativas agora seguras, verbalizaram seus saberes, pautados nas culturas, com livre construção da oralidade espontânea.

Crianças culturas e saberes no Círio de Nazaré

A discussão deste estudo, agora adentra a ótica de uma educação que não se molda a partir da padronização da escola regular, e para tanto, busca desconstruir o olhar hegemônico da ciência moderna tida como verdade única da expressão do pensamento.

Através dessa pesquisa, buscamos pensar o conceito de educação como sinônimo de diversidade de significados, ou ainda que se dá em diferentes espaços e instâncias da vida do homem. Posto isso, entendemos que a educação abarca um conjunto de processos educativos que acontecem paralelamente à educação institucionalizada, sob a lógica de que a escola não é o único meio para ensinar, aprender e socializar saberes e culturas. A fala a seguir, da criança Sol de 11 anos, contextualiza essa afirmativa:

- A Basílica Santuário fica lá no lugar onde Plácido achou a santinha, eu já fui lá, aprendi no projeto que foi lá que a santa foi achada e já ouvi essa história na minha casa também, foi ele, o Plácido que achou a santa. (SOL, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Portanto, este estudo considera possíveis e legítimas as epistemologias que atravessam o cotidiano social e as práticas de saberes culturais de diferentes grupos sociais, uma vez que:

A ciência moderna, inicialmente um tipo de conhecimento entre outros, assumiu uma preponderância total, reclamando para si o monopólio do conhecimento válido e rigoroso, o que ocorreu com a consagração da epistemologia positivista e a descredibilização de todas as epistemologias alternativas. Convertida em conhecimento uno e universal, a ciência moderna ocidental, ao mesmo tempo em que se constituiu em vibrante e inesgotável fonte de progresso tecnológico e desenvolvimento capitalista, arrasou, marginalizou ou descredibilizou todos os conhecimentos não científicos que lhe eram alternativos, tanto no norte como no sul. (SANTOS, 2010, p. 155).

Considerando essa mudança paradigmática consideramos então que a vivência das crianças no Projeto Caminhos do Círio e no contexto das festividades do Círio de Nazaré é responsável por entrelaçar práticas educativas que fomentam uma das formas de inteligibilidade do homem, traduzidas em redes dos saberes do cotidiano, das experiências sociais e da cultura produzida nessas interações de sociabilidade.

Uma cultura que atravessa as falas das crianças a seguir:

- No Círio das crianças, a corda é pra proteger as crianças e no Círio grande, ela serve para as pessoas segurarem. (CAMILLY, 9 anos, roda de conversa, 2018).

- A corda é para as pessoas pedirem coisas, como a saúde por exemplo e depois vai lá pagar a promessa. (MIMI, 10 anos, roda de conversa, 2018).

- A corda é pra promessas e pedidos. (MALU, 10 anos, roda de conversa, 2018).

Essas narrativas reacendem a necessidade de compreensão de que a ciência (forma válida de conhecimento rigoroso dentro da academia) e os saberes do cotidiano podem e devem dialogar; é indiscutível reavaliar a importância de reconhecer que a pluralidade de saberes das práticas sociais e culturais impressas na realidade, mesmo que a ciência moderna não valide isso, o esforço de uma virada de paradigma é urgente, considerando, sobretudo, que esses saberes produzido fora das entidades institucionais se imbricam numa extensa relação de coexistência e sobrevivência; perdurando na sociedade como sinônimo de tradição em que os saberes são repassado de geração a geração, garantindo, assim, a formação pelo viés da cultura.

As falas que seguem, apontam para essa educação da pluralidade, que se constrói dia a dia, nas práticas sociais cotidianas:

- Já vi na televisão um monte de gente se espremendo pra conseguir segurar a corda do Círio. (TONNY, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- Tem gente que leva casinha na cabeça, já vi gente dando água lá, me disseram que era promessa também. Nem sempre a promessa é na corda do Círio. (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

As narrativas acima fazem referências ao Círio de Nazaré, em alguns trechos ficam patentes aspectos distintos de uma mesma realidade, como os saberes nem sempre são constituídos e adquiridos no espaço escolar, mas nas práticas sociais da vida, como nos resultados obtidos a partir do Projeto Caminhos do Círio. Os intérpretes nas suas interlocuções e no diálogo com seus pares automatizam e internalizam esse conhecimento com base nas experiências de sociabilidade, sendo reconhecidamente um saber que se relaciona de forma significativa com a realidade vivida, essa constatação se aproxima muito do que escreve Charlot (2000, p. 78): “a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como conjunto de significados, mas também, como espaço de atividades, e se inscreve no tempo”.

Nesse liame, essa interlocução do saber do homem com o mundo e com seus pares, perpassa também pelas tradições, pelo que é presenciado, pelo que é sentido, significado e

ouvido. A exemplo disso a fala da intérprete Lelê (11 anos), a seguir, aponta para o fato de que a educação se dá com base na oralidade e também no exercício de escuta:

- *Eu sei rezar, rezo o Pai Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Pai, Salve Rainha. Rezo em casa e na igreja com a minha mãe.* (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *Sei Ave Maria, Pai Nosso e Creio em Deus Pai, rezo todo dia antes de dormir, quando rezo, peço coisas pra Deus.* (TONNY, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- *Eu sei rezar o Pai Nosso, aprendi quando era pequena ainda, com a minha avó, ela reza, ela conversa muito comigo, ela ficava cantando e me ensinava.* (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

Assim, o que se sabe e se aprende está sujeito a sofrer intervenções significativas do que se ouve, especialmente, das conversas com os ancestrais, em que esses saberes são transmitidos e redescobertos de forma dirigida entre as diferentes gerações posteriores, nesse caso, cito, por exemplo, as orações e o respeito ao sagrado que as crianças demonstraram ter, fator que, na nossa opinião se materializa em uma “educação da atenção”, em um processo de “sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo”, como adverte (INGOLD, 2010, p. 21).

Portanto, à sua maneira, as crianças participam ativamente da produção e perpetuação de suas culturas, entendem e internalizam saberes e costumes que atravessam a vida cotidiana, a educação e suas leituras do mundo real.

As suas falas ressaltam o sentimento de pertencimento a cultura local:

- *A gente prega um cartaz do Círio da parede, em outras casas também, já vi.* (MICKEY, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *Minha avó chama toda a família lá pra casa, aí a gente come, vatapá e maniçoba sempre quando a gente pode e a gente põe o cartaz do Círio também.* (LELÊ, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *A gente prepara as comidas, coloca uma imagem pequenina da santa em casa, compra roupas pra vestir e fica tudo junto.* (MAYRA, 12 anos, roda de conversa, 2018).

- *Eu me preparo pro Círio vestindo a roupa do Círio e colocando a fita no braço.* (MIMI, 11 anos, roda de conversa, 2018).

- *Pra fazer a maniçoba pro Círio, a gente coloca chouriço e porco, você tem que deixar sete dias direto na panela, no fogo.* (DIEGO, 12 anos, roda de conversa, 2018).

As crianças explicitam o entendimento sobre esse contexto e suas maneiras singulares de vivenciar tais experiências, o que leva à compreensão de que elementos da

cultura local são evidenciados na descrição das situações cotidianas dos intérpretes; a partir do momento em que começam a praticá-los socialmente nessa grande amálgama, são ressignificados e impulsionados a novas produções culturais. Sobre essa condição natural da cultura, Geertz (2008, p. 24) assinala que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”.

Por exemplo, as crianças dispõem de um amplo conhecimento sobre a cultura alimentícia paraense, saber que está condicionado na cultura e faz com que Diego (12 anos), evidencie o seu saber acerca da maniçoba, ressaltando ainda em pormenores aspectos contidos na iguaria, ao citar ingredientes e o tempo de cozimento. Dessa forma, os processos educativos são vivenciados pelo intérprete a partir dos modos alimentares de sua família, no simples ato de cozinhar a maniçoba para o almoço do Círio.

Ao desvelar a diversidade dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio, percebemos que a todo o momento da vida os intérpretes produzem e vivem a cultura a qual pertencem, em consonância com as práticas educativas que experimentam de acordo com a realidade e suas experiências de vida cotidiana. Sistematizar saberes materializados nas práticas sociais das crianças no contexto do Círio de Nazaré é relevante para a pesquisa, pois permite um olhar ampliado sobre a forma como os saberes desvelados são praticados e partilhados na *práxis* cotidiana dos intérpretes, e de como estes se relacionam com a educação à luz da Ecologia de Saberes defendida por Santos (2010).

Assim, destacamos no quadro abaixo a organização didática dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio, desvelados nas linhas gerais dessa pesquisa.

Quadro 1: Sistematização dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio no contexto do Círio de Nazaré

Saberes das crianças	Como o saber é compartilhado	Processos e práticas educativas	Educação que o saber está associado
SABERES DA RELIGIOSIDADE	Oralidade Repetição Escuta Orientação Observação Respeito	Orações Novenas Romarias Respeito a imagem de Nossa Senhora de Nazaré	Educação Religiosa, Educação pela Atenção e pelo Respeito
SABERES DA HISTÓRIA	Oralidade Escuta Observação	Conhecimento da história do Círio de Nazaré	Educação pela História

Crianças Amazônidas no Círio de Nazaré: culturas e saberes outros

SABERES DA ECONOMIA	Oralidade Orientação Observação Experimentação Prática	Compras no contexto do Círio de Nazaré e no Círio das Crianças	Educação Financeira
SABERES DA LUDICIDADE	Oralidade Orientação Observação Repetição Prática	Brincadeiras Ouvir histórias	Educação pela Ludicidade

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os saberes perpassam pelas relações sociais das crianças em diferentes situações, e as práticas educativas estão presentes nelas, simultaneamente com a cultura. As crianças, intérpretes da pesquisa, convivem diariamente com a circularidade da cultura e das práticas educativas em todos os contextos em que estão inseridas, seja na escola ou fora dela, numa educação que reconhece a diversidade de saberes da *práxis* cotidiana, legitimando-os e reconhecendo-os como ferramentas de perpetuação da cultura a que pertencem.

Das relações com seus pares, as crianças aprendem e ensinam simultaneamente; isso se dá a partir de processos em que elas agem como protagonistas de suas histórias, ao se perceberem e se reinventarem a partir de vivências do seu grupo social. Brandão discorre isso ao afirmar que:

Aprender é participar das vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações (muito mais de que “estocagem”) de e entre afetos, sensações, sentidos e saberes, algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos. (BRANDÃO, 2002, P.26)

Diante do exposto e da vivência social das crianças intérpretes, quatro categorias de saberes emergiram e deram corpo a essa pesquisa identificadas a seguir: saberes da religiosidade, da história, da economia e os saberes lúdicos. Estes se articulam de forma diversificada e significativa com a educação, em que cada saber se relaciona com uma educação específica ou com educações, como: Educação Religiosa, Educação pela Atenção Educação pelo Respeito, Educação pela História, Educação Financeira e Educação pela Ludicidade.

A partir dos saberes das crianças do Projeto Caminhos do Círio e das relações estabelecidas entre elas e a educação, evidencia-se que, assim como na escola, práticas educativas são materializadas no interior dessa festa religiosa e cultural que é o Círio de

Nazaré; e que as crianças intérpretes da pesquisa partilham e perpetuam saberes importantes para vida em sociedade.

Conclusão

Por fim, este estudo reafirma a necessidade de fortalecer o olhar sobre a educação que está para além da escola, uma educação que precisa ser veículo de saberes entre o espaço escolar e as práticas sociais vividas pelos agentes sociais e que significam sua existência.

Uma educação que concebe a diversidade de espaços, metodologias e linguagens. Isso reafirma a reflexão necessária sobre as diferentes possibilidades de processos educativos vividos pelo homem.

Esse estudo desvela para a sociedade a maneira singular como infância amazônica é produtora da cultura que a atravessa, pontua que as crianças estão na sociedade atentas em tempo real aos fenômenos sociais, participando e produzindo-os conscientemente na atuação de seu protagonismo social.

As suas falas revelam saberes de diferentes naturezas, como religiosos, econômicos, lúdicos e históricos, uma educação que se dá nas vias da vida cotidiana e deveriam dialogar de forma direta e significativa com o currículo escolar da escola regular, com sensibilidade e respeito as características das diferentes regiões, histórias e culturas dos diversos grupos sociais, raças e etnias existentes no mundo.

Referências

- ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré. Belém: Petrópolis, 1980.
- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como Cultura**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INGOLD, T. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica - uma poética do imaginário**. Belém: Cultural, 2015.

MOREIRA, Eidorfe. **Visão geo-social do Círio**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1971.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as Crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo. Editora 34 – 2000.

Notas

ⁱ Projeto pedagógico criado na sala de leitura da EMEIF Walter Caminha Leite, em Belém do Pará, pela professora da Rede Municipal de Educação-SEMEC, Flavia Meireles, após a percepção de que uma quantidade significativa de alunos da escola se ausentavam das atividades escolares no período do Círio de Nazaré, para realizarem vendas juntamente com seus familiares, mas que não conheciam a história das festividades e sua representação cultural e religiosa para a população local e partes do Brasil e do mundo.

ⁱⁱ Saída espontânea de um povo de um lugar para outro: êxodo judaico. (Fonte: Dicionário online).

Sobre as autoras

Patrícia Andréa Godinho Baker

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará- UEPA, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará- UEPA, membro do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas- CUMA/UEPA, professora da Rede Municipal de Educação de Ananindeua-PA. E-mail: acsgodinho@hotmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2303-6674>

Nazaré Cristina Carvalho

Doutorado em Educação Física e Cultura (UGF), Estágio Pós- Doutoral (PUC/RJ), Mestrado em Educação (UNIMEP/SP), Professora adjunta da Universidade do Estado do Pará, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UEPA; vice-líder do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas.

E-mail: n_cris@uol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000.0001-8417-3504>

Recebido em:

Aceito para publicação em: